

**Recensão: Vanda de Sá, Rodrigo Teodoro de Paula, Antónia Fialho
Conde e António Camões Gouveia (eds.), *Sonoridades eborenses*
(Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, 2021), 335 pp.,
ISBN: 978-989-755-688-3**

Cristina Fernandes

INET-md
NOVA FCSH

cristina.fernandes@fcsb.unl.pt

O LIVRO *SONORIDADES EBORENSES*, EDITADO POR um conjunto de investigadores oriundos das áreas disciplinares da musicologia (Vanda de Sá e Rodrigo Teodoro de Paula) e da história (Antónia Fialho Conde e António Camões Gouveia), constitui a terceira colectânea de estudos decorrentes do projecto PASEV: *Patrimonialização da paisagem sonora em Évora (1540-1910)*, sediado na Universidade de Évora e financiado pela FCT (PTDC/ART-PER/28584/2017). Ao cruzar perspectivas da musicologia urbana, da paisagem sonora e da musicologia histórica, a equipa coordenada por Vanda de Sá abriu um caminho que ainda tinha sido pouco explorado em Portugal,¹ com resultados relevantes, como se pode comprovar pelo conteúdo deste volume, mas também pelos livros anteriores: *Paisagens sonoras urbanas: História, memória e património* (2019) e *Paisagem sonora histórica: Anatomia dos sons das cidades* (2021).² Estas publicações reúnem contributos apresentados nos encontros internacionais organizados pelo referido projecto e reflectem algumas das perspectivas abertas por uma nova sensibilidade à

¹ A ausência de estudos nesta área em relação a Portugal foi inicialmente assinalada por Rui Vieira NERY, «Vozes da cidade: Música no espaço público de Lisboa no final do Antigo Regime», *Praças reais: Passado, presente e futuro*, editado por Miguel de Faria (Lisboa, Livros Horizonte, 2008), pp. 23-44.

² Vanda de Sá e Antónia Fialho CONDE (eds.), *Paisagens sonoras urbanas: História, memória e património* (Évora, Publicações do Cidehus, 2019), disponível em <<https://books.openedition.org/cidehus/7002>> (acedido em 18 de Dezembro de 2024); Antónia Fialho CONDE, Vanda de Sá e Rodrigo TEODORO DE PAULA (eds.), *Paisagens sonoras históricas: Anatomia dos sons nas cidades* (Évora, Publicações do Cidehus, 2021), disponível em <<https://books.openedition.org/cidehus/16834>> (acedido em 18 de Dezembro de 2024).

percepção auditiva e à cultura sonora, designada por «acoustical turn», no âmbito das humanidades e das ciências sociais.³

Este volume apresenta um título mais genérico do que os anteriores, incluindo também alguns estudos musicológicos mais convencionais que não incidem de forma directa sobre problemáticas da paisagem sonora ou da musicologia urbana, ainda que forneçam dados essenciais para esse tipo de abordagem. Os aspectos teóricos e metodológicos, enquadrados por pesquisas internacionais análogas,⁴ estão mais presentes nos volumes anteriores, devendo o livro *Sonoridades eborenses* ser considerado uma extensão, formada por estudos de caso, em consonância com o perfil científico-académico dos autores, como os próprios editores fazem questão de assinalar (p. 11). O capítulo final é dedicado à plataforma multimédia interactiva PASEV, que agrega resultados da investigação e pretende contribuir para a divulgação do projecto junto de públicos variados, para além da comunidade académica.

Com um âmbito cronológico que se estende do século XVI ao século XIX, o livro abrange modalidades do universo sonoro da cidade, assim como partituras arquivadas que outrora fizeram parte das vivências musicais dos seus habitantes. «Conventos, ruas e praças, os palcos de rua, as capelas nas igrejas, os salões de música e de baile, as salas de espectáculo, são o ponto de partida para uma cartografia dos sons de Évora», como se lê na contracapa.

O livro estrutura-se em quatro capítulos, antecidos pela Apresentação sintética e multifacetada de Camões Gouveia e por uma Introdução assinada pelos restantes editores da obra.

O Capítulo I remete para os sons e músicas que emergem dos rituais através de vestígios escritos de natureza diversa. No artigo intitulado «Elementos para o estudo da cerimónia da profissão nos conventos femininos de Évora: Dos ditames dos textos escritos ao costume das Casas», Antónia Fialho Conde compara os rituais da tomada dos votos pelas noviças a partir das normas estabelecidas pelas ordens religiosas, apontando semelhanças e diferenças entre Évora e outros pontos do país. Apesar das referências à música serem escassas, identificam-se variantes nas práticas de execução (em coro ou a solo, cantochão e/ou polifonia, uso de diferentes espaços da igreja), trechos de teor idêntico (*Veni Creator Spiritus*, *Te Deum*) e obras específicas como a *Ladainha dos Santos que se canta nas profissões das religiosas de Santa Clara*, para quatro vozes e órgão, da autoria do Pe. Inácio António Ferreira de Lima.

³ Sobre estas tendências ver Nuno FONSECA, «Temporalidade e historicidade das paisagens sonoras: Os seus sons e os seus silêncios», in *Ouvir e escrever Paisagens Sonoras: abordagens teóricas e (multi)disciplinares*, editado por Elisa Lessa, Pedro Moreira e Rodrigo Teodoro de Paula (Braga, CEHUM–Universidade do Minho, 2020), pp. 22-38, assim como outros contributos publicados neste mesmo volume, no qual participam também vários membros da equipa do projecto PASEV.

⁴ Em relação ao panorama internacional ver, por exemplo, Tess KNIGHTON e Ascensión MAZUELA-ANGUITA (eds.), *Hearing the City in Early Modern Europe* (Turnhout, Brepols, 2018).

Rodrigo Teodoro de Paula é um dos investigadores que mais se tem dedicado ao estudo da sonoridade ritual, sendo especialmente pertinentes as três categorias que usa nas suas análises: sons «brônzeos» (prática sineira), sons bélicos (aparato sonoro militar) e a prática musical.⁵ Em «Sons de morte e de glória: A sonoridade ritual das cerimónias da Quebra dos Escudos e da Aclamação, realizadas em Évora (1521-1750)» analisa o processo de reprodução e adaptação local dos protocolos sonoros para as cerimónias designadas como «Dó» ou «Auto do Pranto» – constituídas pelo arrastar da bandeira e pela quebra dos escudos – e para o «Auto do Levantamento ou Aclamação Real». A partir de fontes dos arquivos eborenses centra-se nas cerimónias em torno dos seguintes monarcas: D. Manuel I e D. João III (1521); D. João IV e D. Afonso VI (1656); D. João V e D. José I (1750). Salienta-se ainda a comparação entre Évora e Lisboa a partir de tipologias da sonoridade ritual como parte de experiências sensoriais colectivas.

O contributo de Luís Henriques, intitulado «O Livro de Missas da capela de Maria Dias: Assegurando musicalmente a salvação na Igreja de S. Pedro de Évora no século XVI», parte do estudo minucioso de um livro de cantochão para uso do coro da Colegiada de São Pedro, produzido na sequência do testamento feito em 1377 por Maria Dias, camareira da rainha D. Beatriz, instituindo uma capela de missas na Igreja de São Pedro de Évora. A contextualização histórica e as práticas litúrgicas e musicais associadas permitem reflectir sobre possíveis implicações na paisagem sonora.

O Capítulo II, dedicado às sociabilidades, apresenta forte coesão. Inicia-se com o artigo «Música e salões em Évora: Ópera italiana de Donizetti a Verdi na Biblioteca Manizola do Visconde da Esperança», no qual Mauro Dilema dá a conhecer uma série de fontes manuscritas com árias de ópera provenientes do fundo Manizola da Biblioteca Pública de Évora. A investigação procura enquadrar o uso e presença de repertórios operáticos na colecção a partir do contexto histórico e social oitocentista e das sociabilidades das elites eborenses, assim como estabelecer relações com as edições que estiveram na base das cópias e com a sua circulação.

Em «“O povo divertiu-se. Ao menos nestes três dias esqueceu a carestia que o oprime”: Bailes de máscaras, foliões e festas de Carnaval na cidade de Évora de oitocentos», Vanda de Sá e João Ricardo mostram diferentes vertentes do universo sonoro e musical das manifestações carnavalescas, tanto nas ruas e praças, como nos teatros e salões. Salienta-se a tradição de Brincas, que remonta aos finais do século XIX, e demonstra-se como a negociação de regras civilizadoras se fez sentir na cidade alentejana, «criando-se a narrativa de uma sociabilidade equilibrada e ilustrada que visava uma aproximação aos centros de cultura» (p. 131). Com recurso a vasta documentação, principalmente à imprensa periódica, relacionam-se as dinâmicas de sociabilidade com o espaço

⁵ Ver Rodrigo TEODORO DE PAULA, «Os sons da morte: Estudo sobre a sonoridade ritual e o cerimonial fúnebre por D. Maria I, no Brasil e em Portugal (1816-1822)» (tese de doutoramento, Universidade NOVA de Lisboa, 2017).

sonoro de Évora; faz-se o levantamento de eventos e reportórios; e o enquadramento dos bailes de máscaras na programação dos teatros.

Aos autores do texto precedente, junta-se Ana Raquel Coelho no estudo «Do arraial, à procissão: Aplausos no Coreto e esplendor nas visitas Régias. Novos palcos e novas Bandas na Évora liberal do séc. XIX». A investigação coloca em evidência a interligação entre a dinâmica urbana e a esfera política na paisagem sonora de Évora por via de eventos públicos e consumos da música em diversos espaços. Além de colectividades como o Círculo Eborense (1837), a Sociedade Civilizadora União Eborense (1839) ou a Sociedade Harmonia Eborense (1849), são tidas em conta a Casa Pia (1836) e a Orquestra de Amadores Eborense (1886), assim como as actuações de bandas e charangas militares. Aborda-se ainda a circulação de reportórios e músicos, processo que espelha quer valores locais e nacionais, quer tendências cosmopolitas.

O Capítulo III versa as colecções e a circulação de obras em contexto. Maria João Albuquerque retoma, agora de modo abrangente, o lugar da música na Biblioteca da Manizola, que pertenceu ao 2.º Visconde da Esperança.⁶ A autora descreve o processo que levou à aquisição pelo Estado desta notável colecção e as vicissitudes ocorridas até à sua incorporação na Biblioteca Pública de Évora em 1955. Procura conhecer melhor os repertórios representados e a sua proveniência e inferir sobre os interesses musicais do visconde da Esperança e da sua época. Nesse sentido, são propostas duas tipologias de espécies musicais: códices monástico-conventuais e compêndios de música antigos, reveladores do coleccionismo informado do proprietário; e manuscritos musicais destinados à execução doméstica.

Os textos seguintes centram-se em compositores específicos. Filipe Mesquita de Oliveira debruça-se sobre «As obras de Teodósio Augusto Ferreira no contexto do panorama musical eborense do derradeiro quartel de oitocentos», recorrendo quer às fontes musicais, quer à imprensa periódica local, em especial o *Manuelinho d'Évora*. Revê-se a biografia do compositor, que viveu entre 1850 e 1886, e faz-se o enquadramento de obras religiosas e profanas apresentadas em Évora, entre as quais a ópera *Adozinda*, a peça musico-teatral *Há mais Marias na terra* e as composições ligadas ao Grupo Recreativo Sol e Dó – Noctívagos.

Em «Marcos Portugal nos arquivos eborenses: O papel do Agostinho Descalço Frei Fernando José da Conceição Figueiredo», António Jorge Marques realiza uma detalhada crítica de fontes de um conjunto de manuscritos com obras de Marcos Portugal, existente no Arquivo da Sé e na Biblioteca Pública de Évora, constituído por música religiosa (Missas, Salmos, Matinas, *Te Deum*) e por algumas peças profanas e contrafacções. Estas últimas estão quase todas associadas a Fr. Fernando José da Conceição Figueiredo, figura até agora desconhecida, que teve considerável

⁶ José Bernardo de Barahona Fragoso Cordovil da Gama Lobo (1841-1925).

importância na prática musical da Sé nas primeiras décadas do século XIX, na qualidade de cantor, copista e maestro. Para caracterizar as diferentes versões das obras, Marques usa terminologia variada em função dos métodos usados: versão (posterior), arranjo, adaptação, redução, *contrafactum*, recomposição, paródia, *pastiche*. A problemática das diferentes versões, em parte já explorada na tese de doutoramento do autor,⁷ ganha aqui novas dimensões e faria sentido ser testada com outros compositores e repertórios. Este é o único artigo do livro que apresenta no início resumo e palavras-chave. Seria desejável que se tivessem adoptado critérios comuns para todos os contributos.

No Capítulo IV, intitulado «Plataforma multimédia interativa: Experiência imersiva da paisagem sonora histórica de Évora», André Ferreira, Camila Wohlmuth, Armanda Rodrigues e Nuno Correia apresentam a reformulação e desenvolvimento da plataforma digital.⁸ Visualmente apelativa, constitui um contributo valioso para a divulgação da paisagem sonora ao longo do tempo, permitindo pesquisar locais, conteúdos, eventos sonoros e itinerários. Funciona como um repositório de conteúdos multimédia com interessante potencial para promover o turismo e o património cultural.

No âmbito da história da música em Portugal, a presença de Évora limitou-se durante muito tempo quase exclusivamente à actividade musical da Sé nos séculos XVI e XVII. A escassez de pesquisas sobre os séculos XVIII e XIX tem vindo a ser colmatada pelo projecto PASEV, entre outras iniciativas da Universidade de Évora, revelando um panorama multifacetado através de um enfoque inovador em consonância com metodologias e perspectivas de pesquisa internacionais no que diz respeito à paisagem sonora e à musicologia urbana. Este livro é mais um testemunho desse caminho, em articulação com outras abordagens mais convencionais, contribuindo para lançar luz sobre as dinâmicas musicais fora da capital do país e dos grandes centros.

Cristina Fernandes é investigadora auxiliar no INET-md (NOVA FCSH), onde desenvolve um projecto sobre música e diplomacia no século XVIII (2022.03493.CEECIND/CP1725/CT0042) e coordena o grupo de investigação «Estudos Históricos e Culturais em Música». Tem participado em vários projectos internacionais e foi co-IR do projecto *PROFMUS-Ser Músico em Portugal: A condição sócio-profissional dos músicos em Lisboa (1750-1985)*, financiado pela FCT. Tem publicado sobre vários temas, entre os quais o cerimonial, os repertórios e as práticas performativas nas Capelas Reais setecentistas; mecenato e diplomacia; o estatuto profissional dos músicos; e os intercâmbios musicais entre Portugal, Espanha e Itália. ORCID  <https://orcid.org/0000-0002-8776-9204>.

⁷ António Jorge MARQUES, *A obra religiosa de Marcos António Portugal (1762-1830): Catálogo temático, crítica de fontes, proposta de cronologia* (Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal | CESEM, 2012).

⁸ Disponível em: <<https://pasev.uevora.pt/>> (acedido em 18 de Dezembro de 2024).

